

**POVO PANKARARU OPARÁ
DE JATOBÁ
PERNAMBUCO**

4



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**

**POVOS INDÍGENAS DO
RIO SÃO FRANCISCO**



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**

Fascículo N 4 | Ano 2022

**PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DE POVOS E
COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL: PROJETO
QUILOMBOS**

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO QUILOMBOS

Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COORDENAÇÃO DO PROJETO QUILOMBOS NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO

Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques

**CARTOGRAFIA SOCIAL DO POVO PANKARARU OPARÁ
DE JATOBÁ/PE**

Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

EQUIPE DE PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Bruno Heim, Daniel de Albuquerque Maranhão Ribeiro, Daniela Santos Silva, Joaquim Alves Novaes, Juracy Marques, Lilian Pinto da Silva Santos, Maria de Fátima Santos de Lima, José Ignácio Vega Fernández, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Robson Marques dos Santos, Suana Medeiros Silva, Sílvia Janayna de Oliveira Veriato e Vanessa Silva Santos.

ELABORAÇÃO DO MAPA

André Luís Oliveira Pereira de Souza, Alzení de Freitas Tomáz e Daniel de Albuquerque Maranhão Ribeiro

IMAGENS

Alexandre Pankararu, Graci Guarani, Alzení Tomáz, Sidney Batalha, Arquivo da Nova Cartografia Social do Brasil – Núcleo São Francisco e Arquivo do Povo Pankararu Opará

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ana Paula Silva de Arruda



Figura 1: Lideranças Pankararu Opará com a Anciã Lindaura Tenório (Alzení Tomáz, 2021).

PARTICIPANTES DA OFICINA

Alexandre dos Santos, Antônio Carlos Teixeira Lima, Cacica Valdenúzia Tavares Silva (Cacica Pankararu Opará), Cezar Reinaldo dos Santos, Cristina Aparecida, Damião Lázaro dos Santos, Diana Jenfer Sá dos Santos, Edileide Silva de Sá, Edilson Gomes de Sá, Edivaldo Gomes de Sá, Edmilson José Xavier, Eliene Gomes de Sá, Elúzia Tavares Silva (Liderança), Eriane Etevlina dos Santos, Erizaldo Gomes de Sá, Fabiana de Caetano de França, Graciele P. Souza, Iranir Cardoso dos Santos, Jairan Tenório da Silva, Jefferson Gomes da Silva, José de França, José Ivanildo da Silva, José Paciência de França, José Tenório, Josinete Maria C. dos Santos, Laiza Railane Tavares da Silva, Leonardo Aciole de Oliveira, Lindaura Tenório – Anciã do Pankararu Opará, Luana Maria da Conceição, Lucas Tércio Bezerra da Silva, Luciana Maria da Conceição, Ludgiane da Conceição Silva, Ludson Monteiro da Silva, Maria Aparecida Texeira Lima, Maria Eluza Silva de Sá, Nivaldo Barbosa Titão, Patrícia Maria Mota de Lima, Paulo José dos Santos, Valéria Beatriz C. Bezerra, Washigton Tenório da Silva (Pajé Jaguriça) e Ytainara Silva Santos.

ISBN Impresso: 978-65-5732-041-9

ISBN Digital: 978-65-5732-040-2

C328 Cartografia Social do Povo Indígena Pankararu Opará Jatobá - Pernambuco. /Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques (coord.). Paulo Afonso, BA: SABEH, 2022. (Série Povos Indígenas do Rio São Francisco, 4).

1 folheto, n. 4; (34 p.): il. color.

Título da capa: Povo Indígena Pankararu Opará de Jatobá - Pernambuco.
Coordenação do Projeto Quilombos: Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques, Vânia Fialho.

ISBN: 978-65-5732-041-9

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidade. 3. Povos originários. I. Nova Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. II. Título. III. Série.

CDU: 39

CDD: 301

SER INDÍGENA PANKARARU OPARÁ NA FORÇA DAS CACHOEIRAS DE ITAPARICA



Figuras 2 e 3: Oficina de Construção da Cartografia Social do Povo Pankararu Opará, croqui do mapa e iconografia (Alzení Tomáz, 2020)

Antes dos barramentos de Itaparica o Rio Opará era nosso maior sustento, o sustento de Pankararu, era dele que vivíamos, era dele que alimentávamos nosso espírito, era dele que alimentávamos nosso corpo, nossa sabedoria, era dele que nossos Encantados de Luz se supriam, morava e nos dava força, era onde praticávamos nossos rituais mais sagrados. Quando veio a barragem sumiram as cachoeiras, sumiram nossas grutas, nossos cemitérios, nossos adornos, nossos jeitos de ser. Quiseram destruir nossas memórias, a memória de nossos ancestrais. Depois de anos, tivemos a oportunidade dada pelos nossos Encantos de voltar para beira do Opará e restituir a força Pankararu na beira do Opará, lugar de onde nunca deveríamos ter saído. Por isso nosso Povo hoje nessa luta se denomina Pankararu Opará. (Pajé Jaguriçá)

Eu sou Valdenuzia, a Cacica dessa Aldeia Pankararu Opará, já a cinco anos que estamos nessa retomada. Aqui é uma história antiga de nossos antepassados que sempre viveram aqui e depois foram obrigados a se retirarem para dentro das serras, para gente hoje estarmos aqui, retomando esse território, é de uma grande

importância porque temos a obrigação de cuidar de um território que sempre foi de nossos ancestrais. Esse é um sonho de nossos ancestrais e nosso Povo Pankararu de retomar essas terras de beira-rio que é tão desejada pelos não indígenas. Muita gente tem nos ajudado inclusive, o Ministério Público Federal, que reconhece essas terras



Figuras 4, 5 e 6: Cachoeira de Itaparica da década de 30, fotografada por G.Stuckert¹; Fotos históricas das Cachoeiras ou Corredeiras de Itaparica antes da Barragem (Arquivo, acervo CHFESF)

1 Numismática Patacão - Moedas antigas, Cédulas, Selos, Filatelia (<<http://numismaticapatacao.com.br/>>); Itaparica/BA - Década de 30 - Belo postal retratando a queda principal da cachoeira, Foto G.Stuckert não circulado Ref. P0213.

como sendo um direito nosso. As margens do Rio têm muita importância porque é no Rio onde temos o peixe que é uma sobrevivência, daqui podemos tirar tudo que a gente precisa. Nossos ancestrais hoje estão felizes porque retomamos aquilo que um dia eles perderam. Isso aqui é um lugar de raiz. Estamos aqui na resistência desse território. **(Cacica Valdenuzia)**

A nossa chegada aqui se deu para conseguirmos água, passamos muito sofrimento como enfrentar a escuridão porque não tínhamos energia elétrica, enfrentamos perseguições de posseiros que não se conformam com nossa retomada, muitos sofrimentos temos passado aqui. A luta para conseguir alimentação, aqui vivemos da caça do preá, do peixe, do bolsa família, temos a água, mas, não temos assim um projeto de irrigação pra gente plantar suficiente para vivermos da agricultura, temos esperança de aqui conseguir os benefícios que a gente precisa pra sobreviver. A quantidade de índios que tinha aqui foi a gente se alertar que aqui era um território dos nossos ancestrais e que a gente tinha que lutar para demarcação porque era terra de índio. **(Cacica Valdenuzia)**

Sou da etnia Kariri-Xokó de Alagoas, porque houve ajuntamento de Pankararu com Kariri-Xokó, hoje me encontro na etnia Pankararu Opará, tou aqui pra dá um pouco das palavras do meu conhecimento. Então ser indígena pra mim é ser filho



da terra, é trazer a vida de volta, minhas lembranças e meu jeito de viver. Nós tamo atrás da terra perdida, atrás de segurança,

esse local é muito importante, é o local de nossos antepassados, por isso tamo lutando por ele. **(Lucian)**

*Sou um indígena de nascença de Jeripankó, vim para o Opará na paz a procura de meus ancestrais, a procura de tranquilidade com o objetivo de trabalhar na terra e na água, e viver mais sossegado. Pra mim ser indígena é viver dessa terra, viver com tranquilidade, numa paz e colher os frutos que terra dá, né?! **(Damião)***

Vim pra aqui dia treze de abril de dois mil e quinze, estou aqui nesse território desde então. Quando eu vim pra cá eu vim com uma sem-terra, depois nós discutimos que aqui era uma área indígena, que já era dos nossos antepassados e resolvemos lutar por este território. Desde então tamos lutando, cada dia é uma conquista, tá um pouco longe, mais nós chega lá, confiando em Deus. E desde então tamos aqui, agora já somos uma aldeia, que é a aldeia Pankararu-Opará que... temos seis anos que tamo aqui nesse território e aqui é aldeia Pankararu Opará, que Opará é... Opará significa pessoas, Rio que apara nós, né? E desde então tamos aqui, na luta conquistando o que foi tomado dos nossos antepassados tamo querendo de volta o que é nosso. Ser índio pra mim é ser livre, poder ter liberdade no meu território, poder pescar, poder caçar, poder tá no meio da natureza, tá livre, ter o direito de ir e vim. **(Cristiane)**

Ser indígena pra mim é ser livre, respirar o ar, pescar, viver dessa grandeza. Plantar e viver. Tô aqui nesse território desde

2015, na luta pra resgatar uma coisa que já foi de nossos antepassados. Nós somos Pankararu Opará porque estamos resgatando um território da beira do Opará que já foi de nossos antepassados. **(José Ivanildo)**

Figuras 7 e 8: Liderança Eluzia, Cica Valdenuzia, Anciã Lindaura Tenório, Pajé Jaguriça e a liderança religiosa Fernando Pankararu em homenagem ao aniversário da Anciã; Pescador Pankararu Opará. **(Alzení Tomáz, 2021)**



Eu sou Elúzia, sou liderança Pankararu Opará, há cinco anos que estou nesse território. A gente não invadimos esse território, esse território a gente auto demarcamos porque era um território onde os nossos antepassados viviam sobre as margens do São Francisco, nas margens das Cachoeiras de Itaparica. Ser indígena pra mim é viver em liberdade, é viver na natureza, é respeitar o direito do outro, é cultura, é respeitar as tradições, respeitando as religiões dos outros. Ser índio para mim é ter amor ao próximo e acima de tudo o respeito pelos nossos antepassados, pela nossa história. Então o índio é esse, nascer e se criar dentro de uma tribo, respeitando a sua cultura, valorizando os seus trabalhos. **(Elúzia, liderança)**

A denominação de Pankararu Opará é a junção de o povo Pankararu e o Opará, é o nome do rio. Onde nós nos deslocamos da nossa aldeia para chegar às margens do São Francisco onde nossos antepassados sempre viveram. Então, a junção de Pankararu e Opará é justamente, Pankararu que é a raiz de Povo e Opará que é o rio. (Elúzia, liderança)

Meu nome é Edimilson José Xavier, tenho quarenta e oito anos, sou original daqui mesmo, num vim de lugar nenhum... a origem é... do meu pessoal é dali do Brejinho da Serra, família de André Caboco... aí com o passar do tempo com a construção dessa barragem a gente subiu pro Brejo alí, na área do Bem Querer de Cima, onde tem...

muitos familiares meus que ainda mora lá, tem a família de tio Eronildes que já morreu, tio Batista e da finada Severa que era minha tia também... nós somos tudo Pankararu, alí do Saco dos Barros, onde todo pessoal que morava são família minha, descendente da minha mãe. Ser índio pra mim é ter raiz, é a minha história e de minha família. Ser índio é reconhecer a minha origem. **(Edmilson)**

Meu nome é Iraní, eu tenho vinte e oito ano. Vim da Aldeia Pankararu vim parar aqui na Aldeia Opará. Aqui é... eu cheguei aqui, já tem cinco ano. Aí, aqui é tudo pra mim, é um lugar onde a água está mais próxima, onde eu estava tinha que pegar água longe nas costas. Aqui eu já tenho minhas coisinhas organizada, meu trabalho pra sobreviver. Então aqui é um lugar bom pra mim. Ser índio pra mim é estar aqui na luta, né!? **(Iraní)**

Meu nome é Fabiana Caetano de França, tenho quarenta e três anos e moro aqui há cinco anos. Ser índio é viver nessa habitar que eu estou. **(Fabiana)**

Eu sou José de França, tenho sessenta e cinco anos e moro aqui nessa aldeia já há cinco anos. Ser índio é a gente lutar por um território como esse que tem força de antepassado nosso. Pra preservar nossa cultura. Nossa cultura é de índio e viemos pra cá pra ser Pankararu Opará porque somos de Pankararu com Opará que é assim como o rio era chamado pelos antigos. **(José)**

A GRUTA DO PADRE, NOSSO CEMITÉRIO SAGRADO, ANCESTRALIDADE E CULTURA



Figura 9: Gruta do Padre, Itaparica - Petrolândia/PE.

Meus parentes mais antigos usavam as grutas que existiam nas corredeiras de Itaparica como lugar de rituais mais sagrados. Em tempos atuais escutei muito meus pais e avós falando que os parentes iam para a beira do Rio escutar os Encantados, escutam orientações, escutavam toantes, cantigas e aprendiam rezas com eles. Sei até dos Fulniô-o que saiam de sua aldeia para escutar as conversas dos Encantados na beira do Opará, onde nossos ancestrais se encantaram, então era só os Pankararu, mas, os Povos do São Francisco dependiam das cachoeiras e as grutas que serviam a nossa ritualística, para aprender e se reencontrar com os mais antigos Encantados. Então, as corredeiras de Itaparica e a Gruta do Padre, são nossas maiores referências de nosso reencontro com aquilo que nós somos. (Pajé Jaguriça)

2 Imagem da Gruta do Padre com Wesley Hurt e Gabriela Martin, no trabalho publicado Adeus a Gruta do Padre, Petrolândia / PE. A tradição Itaparica de Coletores-Caçadores no médio São Francisco. Martin, Gabriela; Rocha, Jacionira. Clio Arq. Recife V1 n 6 31-44, 1990. UFPE.

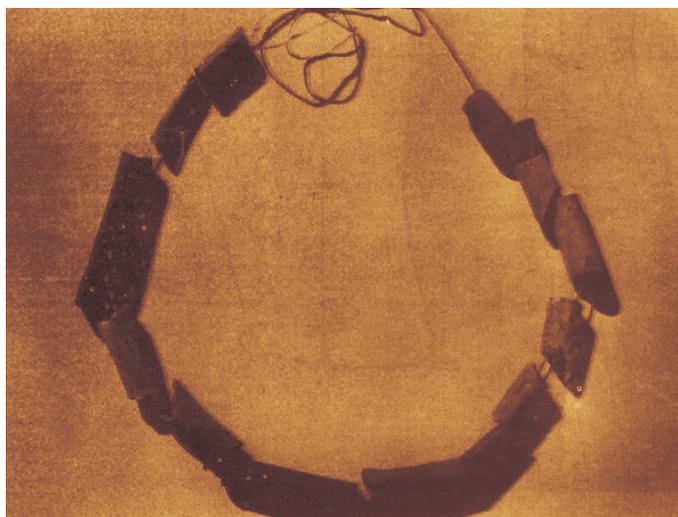


Figura 10: Colar de Osso, achado na Gruta do Padre, salvamentos arqueológicos realizados por Gabriela Martin ainda em 1987, poucos meses antes da inundação da barragem (Extraído do escrito de Gabriela Martin 1990).



Nossos adornos estão unidos aos nossos antepassados. O colar feito do animal que aliviou a fome do nosso Povo, seus ossos são forças no pescoço de um guerreiro. Eles nos dão o que precisa, nós retribuimos, os venerando com agradecimentos. Isso é tradição e cultura. (Pajé Jaguriçá)

O mato é baseado na tradição da origem Tupinambá (que veio a influenciar a cultura de nosso Povo), numa de nossas visões, os Encantos mim mostrou que nossos pajés possuíam esses adornos, todo coberto de pluma de araras vermelhas. Então eu resolvi fazer este para mostrar como nossos antigos usam essas plumagens nos rituais. Resgatar isso hoje é dar visibilidade a uma coisa que estava oculta para nos ajudar. (Pajé Jaguriçá)



Figuras 11 e 12: Pajé Jaguriçá com adornos de Ossos, o que demonstra um contínuo e pujante tradição Pankararu (Valdenusia e Alexandre Pankararu, 2021).

O OPARÁ E AS CACHOEIRAS: MORADA DOS ENCANTADOS

A flexa do Umbu, a Serra de Leonor, o Encantamentos e as Tradições Pankararu



Figura 13: Cachoeira de Paulo Afonso ou Cachoeira dos Veados como era conhecida pelos Pankararu.

Há mais de 500 anos meu Povo Pankararu viveu aqui, hoje se encontra nas mãos da Chesf, de posseiros. Parte dessas terras estão inundadas pelas barragens, entre a barragem de Itaparica e Paulo Afonso, se encontra nossas tradições inundadas com o enchimento desses barramentos, por causa disso, muita grilagem de terras e especulações ocorreram com esses territórios que para nós Pankararu, eram territórios sagrados. Por causa disso, nosso Povo teve que procurar as Serras, as baixas frias

para sobreviver e se organizar como Povo. Nessas margens do Rio existiam as malocas, os índios pescavam nas cachoeiras de Itaparica, iam até o desembocar do Rio Pajeú e seguia depois para as cachoeiras dos Veados em Paulo Afonso. Dizia meus tios, que eles faziam suas festas na parte da manhã. Tinha um casal de índios nativos, que preparavam as ervas medicinais de cura e o cachimbo com fumo que eram os campiôs de cura. Num certo dia, o pai e a mãe esqueceram de dar para os três fi-

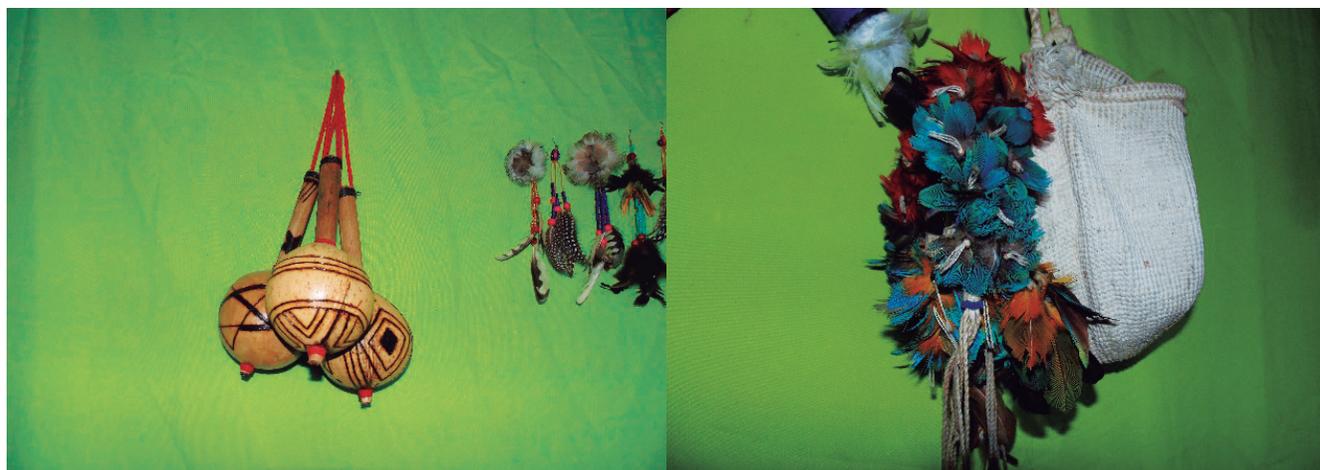
lhos o caqui para se defumar, os filhos se deram falta desse momento e procuram do pai e da mãe cadê o campiô, porque estavam esperando esse momento para ir dançar para pegar força pra poder pescar. Os pais avisam que o fumo havia acabado, mas, os filhos, continuaram então o ritual, onde cantaram e dançaram, mas, ao término do ritual eles conversaram e os pais foram fazer a pescaria, um dos filhos não participava da dança, porque não tinha a idade certa, mas, ele achava aquilo muito bonito, mas, não podia entrar, este observou que no aió dos pais ainda tinha fumo num campiô, observando aqui como uma negação do pai, o filho mais velho resolveu ir embora, os outros acompanharam. Embora o irmão mais velho tivesse convencido o mais nova a ficar para cuidar dos pais, o mais novo não aceitou queria ir junto com os irmãos. Juntos eles começaram a fumar o campiô e a fumaça saia pelos poros dos braços, o mais novo foi indagado que se fumasse e não saísse fumaça de seus poros teria que ficar com os pais. Ocorre que o mais novo passou

no teste e a fumaça saia pelos poros. Os pais nas corredeiras perceberam o que estava acontecendo e que os filhos estavam seguindo para as cachoeiras dos Veados em Paulo Afonso. Os filhos, ao chegarem na grande cachoeira, o mais velho ao conversar com a água, percebe que uma grande laje se erguia e percebeu que era uma grande pedra de diamante. O mais velho, o do meio e o mais novo entram e somem na água, mesmo escutando o chamamento dos pais. Ocorre que quando eles desaparecem em água, a mãe transforma-se num pequeno animal e o pai em um Umbuzeiro, porque isso para nós Pankararu, temos a tradição da flechada do primeiro Umbu para dar início ao grande ritual dos Praiás. Que dançam conforme os passos da natureza, os pássaros etc., como foi a mãe que se encantou como animal, as danças acontecem imitando esses pequenos animais como homenagem a esta mãe que se encantou. Quanto aos filhos, ao se encantarem nas cachoeiras eles vivem lá como aqueles que nos dão proteção. (Pajé Jaguruçá)

Pankararu tem muitas lendas, como a de Leonor, que se encantou numa grande cobra, o do meu tataravô que se encantou numa onça que fumava para caçar os animais para alimentar a nação indígena Pankararu. Cada história dessas é uma força e faz parte de nossas tradições, das danças dos Praiás. (Pajé Jaguruçá)

A Cachoeira é um ponto muito forte. As cachoeiras pra nós é a nossa segurança, é onde nossos chefes mais antigo vive,

nossos... que nós confia, que nós acredita, aqui ele nos encontra. Por isso que nós temos lutano por essas terras. (Luciana)



Figuras 14 e 15: Apetrechos da Identidade Pankararu Opará (Alzení Tomáz, 2021).

O Rio para mim é tudo na vida... o rio é... é a vida, é água pra se beber, um peixe pra se comer... Sempre uma coisa que não falta. As Cachoeiras é nosso canto sagrado, se a gente for contar só as daqui, existe duas, mas a três Marias também pertence ao São Francisco, também. São três. (Damião)

Demos o nome Pankararu Opará porque Pankararu é povo e Opará é rio. É rio que nos ampara. Significa moradia, convivência, firmeza nas raízes que tinham antigamente e foi arrancada e hoje nós recuperamos o tempo. As cachoeiras pra nós representa uma grande força, a beleza de nossa grandeza, a natureza criou essa maravilha pra nossos Encantados morar. (Cristiane)

As cachoeiras pra nós é a força das águas pra lavar nossa alma, limpar nossos pecados. Nossos antepassados usava as cachoeiras de Itaparica pra colocar nossos entes que faleciam, eram nossos cemitérios, as grutas e tudo que tem aí e tá debaixo d'água da Chesf. Por isso, é uma grandeza. (José Ivanildo)

O rio Opará para mim como liderança, significa tudo. O rio é a fonte, a fonte viva onde tiramos nosso pão de cada dia, buscamos nossos peixes, onde tomamos o nosso banho, onde lavamos as nossas roupas, onde bebemos a nossa água, onde plantamos e cultivamos com a água do rio, colhemos, fazemos as nossas colheitas e onde nós criamos nossos animais. E, acima de tudo, se não houvesse água, não haveria vida, então nós praticamente sobrevivemos pela água e a água é vida. Então devemos cuidar bem desse bem precioso que é a nossa água. Então o rio pra nós, ele é tudo. As cachoeiras, conheço duas cachoeiras, a de Paulo Afonso e a de Itaparica que são nas margens do Opará, do São Francisco. (Eluzia, liderança)

Nós somos Opará somos Povo da beira do Rio e porque somos Pankararu. - O rio é tudo... é natureza... o rio é a riqueza, é a fonte de alimento de nós indígena, né?

As cachoeiras são o lugar, o território sagrado onde nossos deuses fica... onde fica nossos encantado. (Edmilson)

O Rio pra nós é muito importante, porque era dele que nós tirava nosso sustento pescando. Agora como estamos mais próximo dele facilitou a pescaria. E a gente sente a força ainda das Cachoeiras que é quem nos dá força através dos encantados. (Irani)

Nós somos Opará porque é assim que nossos antepassados chamava esse rio. E Pankararu porque somos Pankararu, índio Pankararu. (Fabiana)

A natureza pra mim significa o ar que nós respira, significa minha ciência, significa minha sabedoria. É um ponto muito importante pra mim a natureza. (Luciana)

A natureza é uma coisa que a gentes sempre temos de zelar e proteger ela se for possível, não deixar uns fazere o que quere, chegar e bagunçar a nossa natureza. (Damião)

A água, o rio significa vida, porque dele tiramos toda sobrevivência, peixe, água pra as necessidades como beber, lavar roupa, cozinhar, matar a sede dos animais, molhar a plantação. A natureza foi Deus quem nos Deus, fica pra nós cuidar, desfrutar e proteger. (Cristiane)

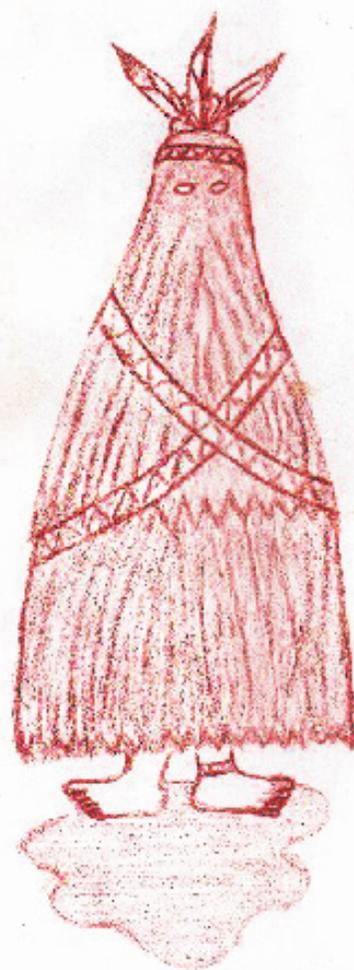


Figura 16: Etnodesenho da Cartografia Pankararu Opará (Desenho dos Participantes da Oficina).



Figura 17: Aldeia Pankararu Opará (Alzení Tomáz, 2021).

A natureza pra mim ela é tudo, a natureza é a mãe que foi que nos criou, dela nós tiramos o sustendo, a natureza foi Deus que nos deu de presente para vir adorar, para glorificar a natureza e tudo que Ele deixou para ser respeitado, onde nós fazemos as nossas culturação, os nossos cantos e danças e pedimos sempre a proteção do Ser divino. Então a natureza pra gente, ela tem todo o respeito, é de onde nós tiramos o nosso pão de cada dia, onde tão as nossas ervas medicinais, é onde estão os biomas, é onde estão as encostas, os riachos, o rio, é onde estão as diversidades de plantas, fauna e flora, onde tão os pássaros, onde tão os animais e onde vive realmente a nação indígena e todo o povo brasileiro. Então, devemos respeitar a natureza, não só respeitar, mas também cuidar. (Eluzia, liderança)

A natureza pra mim é tudo! Onde nós devemos cuidar, não só cuidar das plantas, das águas, dos riachos, cuidar dos nossos pássaros, cuidar da nossa cultura, preservar os biomas e as medicinas tradicionais ainda, que pouco que restam. Então, a natureza pra gente foi onde Deus deixou pra que nós podéssemos adorar, respeitar, cultuar nossas tradições e respirar o ar puro e sagrado. Então, a natureza pra gente é vida e vida com muita abundância, tomar de conta dela, zelar dela, de onde nós tiramos o nosso sustento para nossa sobrevivência. Então, a natureza pra mim ela é tudo, não só mãe, ela nos criou e devemos cuidar com muito amor. Então, o índio ele respeita a natureza, ao entrar ele tem que pedir licença pra poder ser correspondido pelos nossos... não só os nossos ancestrais, mas pelas forças maiores e a gente devemos respeitar a qualquer espaço que a gente entrar. Então, a natureza pra mim ela significa tudo! (Eluzia, liderança)

A FORÇA DOS GRANDES SERES



Figura 18: Vista do Rio São Francisco da Aldeia Pankararu Opará (Alexandre Pankararu, 2020).

O maior Ser tem força sobre o menor, mas, o menor tem força de fazer com que o grande Ser o reverencie. Por isso, o poder da criança com o brilho nos olhos de inocência tem o poder sobre nós mesmos. Então Deus está em cada criança. A força do maior está sobre o menor e o menor sobre o maior. Tudo está interligado e quando a gente se afasta de tudo, se achando superior aos outros, por isso saímos da forma que Deus nos colocou porque estamos perdendo o respeito. A natureza cobra da gente, se você tem a inteligência que Deus deixou como um dom, esse dom tem que ser exercido em favor de todos. Cada coisa da natureza possui um

Ser, isso é vida. O Ser vive naquela planta, naquela árvore, no pássaro, na terra, nos ventos, em tudo. Cada ser possui uma continuidade no outro. Ninguém pode ter autoridade sozinha. Por exemplo, as divindades dos Orixás dependem um dos outros. Oxum precisa de Iemanjá, que precisa de Omolu, Omolu que precisa de Iansã que precisa dos outros, todos precisam um dos outros, isso é equilíbrio, é interligação para garantir a força da natureza. Eles se completam naquele lugar sagrado que seja um terreiro, um centro. Se cria ali um campo energético onde só entra quem eles permitem, porque é um lugar sagrado. (Pajé Jaguriçá)

O RESPEITO É FORÇA SAGRADA DE EQUILÍBRIO DOS SERES SAGRADOS DA TERRA

Se nós humanos não usarmos esta força energética para o bem dentro desta parte celestial que Deus deixou, perdemos a sabedoria e então acontece isso que estamos vivendo hoje, um desequilíbrio onde só virão as doenças, como essa da pandemia. Ainda irão surgir muitas coisas por causa de nossa forma egoísta e desumana, desrespeitosa com as coisas que Deus nos deu, que Deus criou. A maneira da gente respeitar é obedecer a natureza. Apesar de sermos tribos diferente, e eu explico tribo, porque me baseio assim: eu me encontrei numa Aldeia de índio onde a força maior deles são os Orixás, na parte da espiritualidade deles, mas, eu estava lá e tenho que respeitar, tanto é que aquelas forças me cumprimentaram, me respeitando, como é que não ia respeitar!? Eu tenho obrigação de respeitar aquela ciência. Se eu chegar em sua casa tenho que respeitar aquelas regras, as pessoas procuram e são livre para escolher, mas, são obrigadas a respeitar. Hoje temos inúmeras religiões pentecostais que não estão respeitando isso em nossas Aldeias, querem impor as crenças deles. Acreditamos em Jesus Cristo, que é um espírito de grande força e poder, mas, a posição que muitos cristãos colocaram Ele, forçando a gente, tirando nossa língua nativa, destruindo nossos lugares sagrados, demonizando nossos Encantados para ter mais adeptos a sua religião como uma empresa para ganhar mais dinheiro, não nos parece coisa de Deus. É tudo diferente do que Jesus pregou. (Pajé Jaguriçá)



Figura 19: Pajé Jaguriçá e Alzení Tomáz em apoio a Luta dos Kariri-Xokó em sua retomada nas Cachoeiras dos Veados em Paulo Afonso (André Luiz, 2019).

Eu como um líder que represento uma parte de minha cultura espiritual, penso que esses seres sagrados não vivem diferente de nós aqui na terra, mas, eles são seres iluminados que Deus deu o poder para que eles venham na terra para nos guiar, para nos ajudar a evoluir e nos sensibilizar para ajudar o próximo e ficar unidos. E vejo que a força espiritual nos dar esse conhecimento para que a gente veja o próximo na sua hu-

manidade onde devemos estar sempre juntos para defender o que tem de melhor na gente. E vejo que toda força de luz que Deus nos deu para a gente é para manifestarmos nessa força em prol de outras pessoas para que sigam um bom caminho. Mesmo que sejam culturas diferentes, mas, temos que respeitar qualquer lugar sagrado, porque é ali um lugar de força criado por Deus. Independente da crença. (Pajé Jaguriçá)



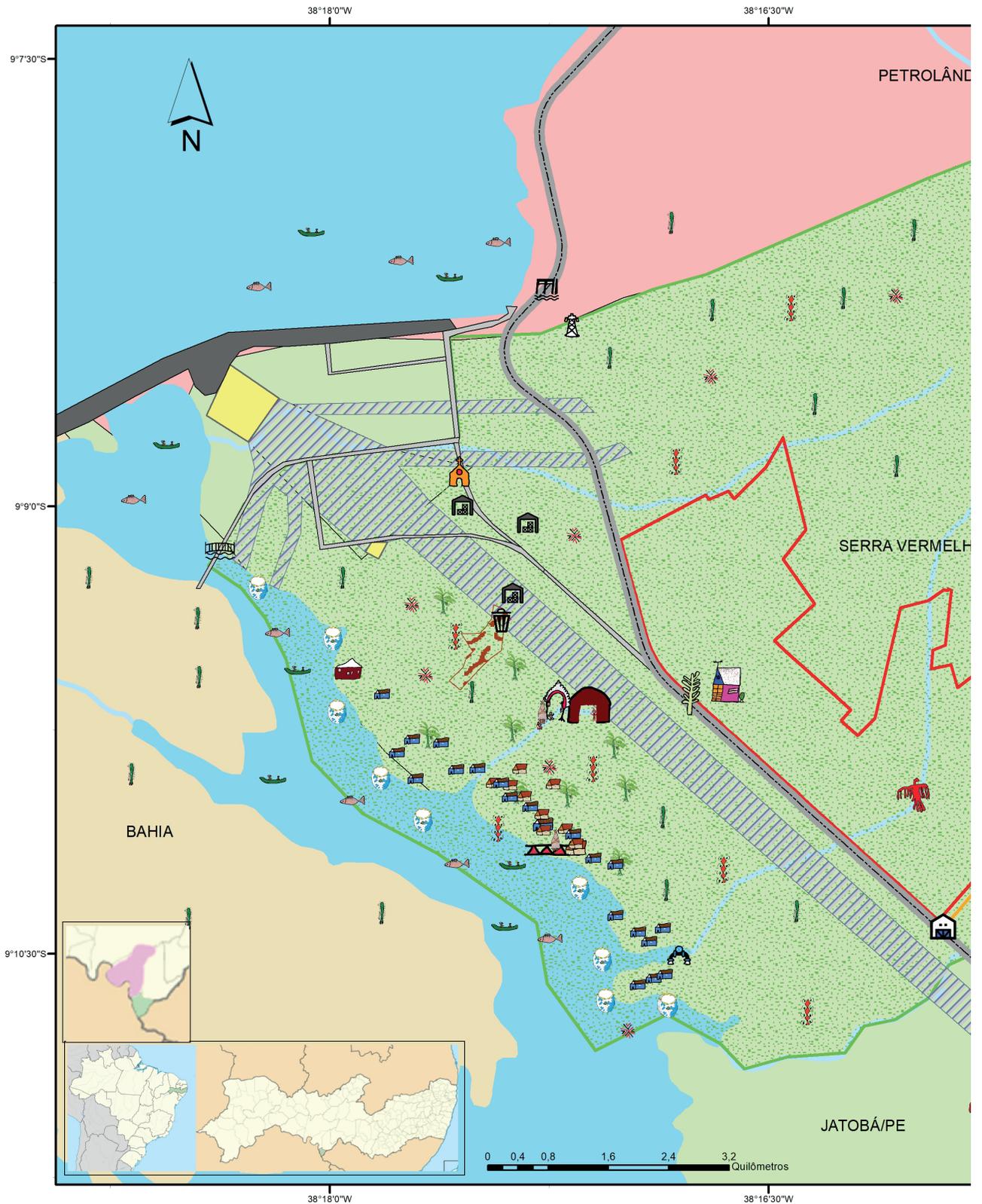
Figuras 20 e 21: Escola construída pela comunidade já em funcionamento, enquanto a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco viabiliza a formalização da Escola (Arquivo povo Pankararu Opará, 2022).

Nós Pankararu somos mais de 9 mil indígenas espalhados entre Petrolândia, Tacaratu e Jatobá em Pernambuco. A nossa luta pelo nosso território sempre foi e será um compromisso de nosso Povo. Hoje possuímos uma área desintrusada, mas, quando a FUNAI veio fazer a demarcação do território Pankararu, deixou muita terra de fora, enganou nossas lideranças dizendo que ia demarcar uma parte e depois aos poucos demarcava o resto. Mas, aconteceu, foi preciso os Pankararu de

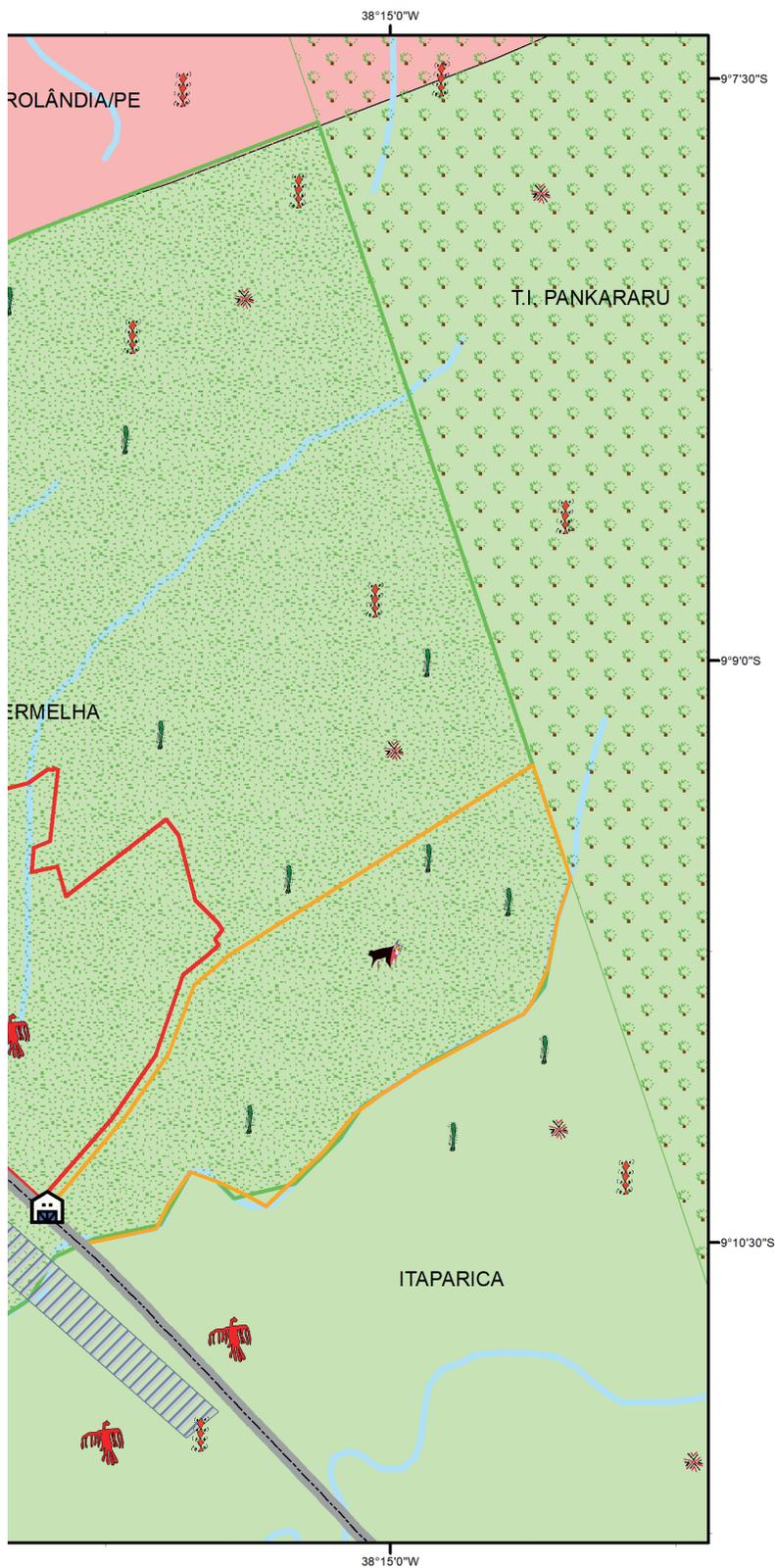
Entre Serras retomar o território pra poder a FUNAI demarcar. Mesmo assim, deixou toda essa parte da beira do Rio Opará de fora. Com o crescimento da população de Pankararu, essas terras foram insuficientes para agregar todas as famílias é por isso, que temos obrigação de lutar pela terra. No nosso caso tivemos que avançar no território tradicional que não está demarcado ainda que é a beira do Rio onde nossos antepassados sempre viveram, mas, não tiveram o direito de ficar. (Pajé Jaguriçá)

Antigamente meu Povo falava três dialetos, com a chegada dos Jesuítas perdemos nossa língua materna e muitas de nossas terras, apenas algumas palavras ainda estão vivas entre nós. Eu sou filho de Lindaura Tenório, uma índia Pankararu, e meu Pai era um índio de Kariri-Xokó, de Porto Real do Colégio em Alagoas. Meu pai já é falecido. E eu já venho desde criança acompanhando a luta porque não tínhamos terra. Lá em Kariri-Xokó vivíamos numa área que devia uma estrada e a primeira luta que eu participei foi essa onde o Povo conseguiu a demarcação da Fazenda Modelo, uma fazenda que estava sob o domínio da CODEVASF, mesmo com a demarcação desse território os indígenas não tiveram o domínio dela porque estava ocupada por não indígenas. Nesse tempo nós só tínhamos um pedacinho de terra para praticar nossos rituais, mesmo assim, meu pai contava que saiam 11 horas da noite para fazer os rituais escondido dos não índio porque se não eram perseguidos, mas, era nesse lugar que praticavam a ciência e a medicina indígena. Depois com as perseguições voltamos para Pankararu eu tinha 13 anos de idade, viemos, já tinha família nossa em Xukuru- Kariri em Palmeira dos Índios – Alagoas, uma parte de minha família estava lá, ai nós fomos ajudar nossos parentes lá numa luta . Mas, só que a convivência de meu pai com minha mãe não deu certo e aí ele voltou para Porto Real do Colégio em Kariri-Xokó e nós voltamos para Pankararu. Mas, foi aí que minha mãe percebeu que as terras que eram de nosso avô, o pai dela, os parentes tinham tomado conta, até um rancho que ela morou um parente pediu de volta. Foi aí que ela pediu muito aos espíritos de luz que nos desse uma solução. E aí uma noite veio uma pessoa muito precisada que estava doente pediu um remédio. Ai minha mãe através das forças dos Encantados fez o remédio com a medicina indígena e a pessoa foi valida, ela cobrou a quantia que o espírito tinha orientado ela, a pessoa pagou e ainda deu mais outros suprimentos que ela que ela precisava. O dinheiro deu para ela comprar um pedacinho de terra, eram 7 tarefas na mão de um primo. Então passamos a viver nesse lugar, que fica fora da demarcação do território Pankararu. Fizemos um rancho de palha e fomos viver aí. Com o tempo eu viajei para Salvador para fazer uma apresentação de nossas danças e vender uns artesanatos o dinheiro que conseguimos lá deu para fazer uma casa melhor. Minha mãe começou a trabalhar na parte da ciência, fazendo as garrafadas e ajudando muita gente, tinha remédios para banhos, chás, garrafadas. E assim que fomos sobrevivendo em Pankararu. Ela ajudou muitos parentes na parte espiritual e eu acompanhava ela, quando ela precisou sair para acompanhar minhas irmãs eu fiquei fazendo essa parte espiritual, rezava em crianças. Acontece que nossas terras eram muito pouca para a demanda da família. (Pajé Jaguriçá)

Território do Povo



o Pankararu Opará



LEGENDA

Identidade/Natureza/Produção

- | | |
|---------------------|-------------------------------|
| Terreiro da Ciência | Vegetação nativa e medicinais |
| Ritual do Praiá | Caatinga |
| Cocar | Pesca artesanal |
| Casas de indígenas | Peixes |
| Orla indígena | Casa das Plantas |
| Medicina indígena | Cultura indígena |
| | Patrimônio arqueológico |

Territórios Indígenas

- | | |
|--|-----------------------------------|
| | T.I. Pankararu homologado |
| | T.I. Pankararu Opará reivindicado |

Conflito

- | | |
|-------------------------------|--------------------------------------|
| Casas de posseiros | Acesso Lixão |
| Fazenda Ex-prefeito de Jatobá | Lixão de Jatobá/PE |
| Pisciculturas de posseiros | Área de domínio de posseiros |
| Centro Diocesano | Assentamento do Banco da Terra ANITA |
| Povoado Camaratu | Divisa da barragem |
| Divisa de área da CHESF | Linha de Transmissão e Mirante |
| Galpões desativados da CHESF | |

Convenções

- | | |
|-------------------------------------------|---------------------------------------|
| Rio São Francisco | Rodovia DNIT |
| Riachos da Bacia do São Francisco | Estradas asfaltadas |
| Fonte da divisa BA/PE Paredão da Barragem | Usina hidrelétrica Luiz Gonzaga CHESF |
| Captação de água abastecimento Jatobá/PE | Subestações CHESF |
| | Faixa de servidão |

ESTADOS

- | | |
|--|------------|
| | PERNAMBUCO |
| | BAHIA |

MUNICÍPIOS

- | | |
|--|-------------|
| | Jatobá |
| | Petrolândia |

Fontes Cartográficas
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Base Cartográfica:
 IBGE 2020/IPHAN/FUNAI/DNIT/
 INCRA/CHESF
 Crôqui do Povo Pankararu Opará
 Datum: Sirgas 2000
 Arcgis Online
 Escala: 1:28.458

Realização:
 Projeto Nova Cartografia
 da Bacia do São Francisco

Cartografia
 André Luis Oliveira Pereira de Souza
 Alzeni de Freitas Tomáz
 2021

O TERRITÓRIO OPARÁ, A LUTA, A PANDEMIA E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS



Figura 22: Cacica Valdenuzia - Pankararu Opará, as margens do Rio São Francisco, autos níveis de poluição em face as pisciculturas, o rio fica tomado de baronessas (Alzeni Tomáz, 2020).

A luta aqui não é fácil. Nós estamos buscando apoio do Ministério Público Federal e das entidades indigenistas que nos orienta, porque com os posseiros e as pessoas da região que tem preconceito com indígena ficou mais difícil a vida da gente. Estamos lutando não só pelo território, mas, pelas políticas públicas, como saúde pra SESAI atender nós aqui como índio, Educação para termos nossa própria escola indígena, mais só que diante disso vem as ameaças, tive-

mos que acionar o pessoal da Proteção de Direitos Humanos pra gente ter nossas garantias, então eu como Cacica e o Pajé Jaguriça estamos no programa de proteção dos Direitos Humanos, são muitas ameaças de posseiros, que queima nossas casas de oração é o primeiro canto que eles atacam, é queimadas, impedimento de estrada. São muitas pisciculturas, que polui drasticamente o rio, a gente fica sem água boa pra beber. Tá tudo tomado o rio. (Cacica Valdenuzia)

Tamo fazendo essa luta aqui porque é o único meio, o único canto mais próximo que nós tem pra sobreviver. (Luciana)

Que nem eu disse... território Pankararu Opará vem da nossa cultura, vem do nosso povo mais véio que já se foro, hoje num se encontra... então... é muito importante pra nós pra nois cuidar dele. Esse território pra nós, pra mim... vai ser bom pra meu filho, pra minha filha, pra minha família, pra todos nós. É uma forma de nós viver melhor de que nós tava. (Lucian)

Porque meu pai, meus avós são tudo daqui... são descendentes indígena dessa tribo. Esse território pra mim é área de sobrevivência... pra eu pescar um peixe e comer, plantar mandioca, fazer beju, farinha, é a minha sobrevivência aqui. O território pra mim é vida. A terra pro ser humano ela é vida, se souber trabaiaá, nela ele vai sempre colher e sobreviver sem depender de ninguém. (Damião)

O território é a nossa casa, é onde a gente vive. Já tá dizendo território porque é ali que nós estamos e pretendemos ficar. O território foi tomado de nossos antepassados, primeiro pelos brancos depois por uma empresa como a Chesf, hoje estamos na luta pra recuperar o que sempre foi nosso, as beiradas que ainda existe e que nós precisamos pra nos dar força. (Cristiane)

Eu preciso da Luta, porque eu preciso dele pra trabalhar e pra sobreviver e sustentar minha família. (Damião)



Figuras 23, 24 e 25: Área de Lixão do Município de Jatobá em pleno Território Opará (Alzeni Tomáz, 2020); Panorâmica aérea do lixão e dos galpões desativados da Chesf (Arquivo Pankararu Opará, 2022).

O território pra mim significa lugar de sobrevivência, ter o peixe e a terra pra trabalhar, morar e ter as coisinhas, né!? Um dia o governo tirou de nós e agora nós estamos na luta pra tomar de volta, reconquistar o que já era dos nossos antepassados. (José Ivanildo)

Esse território pra mim significa tudo porque é uma luta de meus ancestrais... que hoje estamos auto demarcando... é uma luta de nós hoje... Hoje estamos buscando os nossos direitos que um dia foi retirado, cobrando dos nossos governantes as nosso

território demarcado e podendo viver com dignidade, ter a moradia, ter uma educação de qualidade, ter uma saúde digna, e, acima de tudo, o respeito pela natureza e cuidar do nosso meio ambiente, principalmente do nosso rio. (Eluzia, liderança)



Figuras 26 e 27: Criatórios de Tilápia em Tanque rede, atos níveis de poluição (Alzení Tomáz 2020).

Esse território pra mim é uma luta auto demarcatória. Primeiro tomamos consciência de que esse território pertence a nossos antepassados, e depois, vem nossa força pra auto demarcar. Isso é fazer justiça pela memória de nossos entes que se foram e outros que se encantaram. Estamos retomando um espaço que é nosso, que foi tirado e que hoje a gente retorna a esse local com mais força e com mais resistência, solicitando e pedindo aos órgãos que faça valer o direito dos povos indígenas, principalmente da demarcação dos territórios indígena. Então, esse território pra nós ele é tudo ele é sagrado, é de onde nós tiramos o nosso alimento, onde plantamos, onde colhemos, onde moramos, onde habitamos e onde praticamos nossos rituais. (Eluzia, liderança)

A luta por esse território nós decidimos... como no início eu falei, há cinco anos estamos auto demarcando este território porque foi um território que foi tirado de nossos antepassados e que hoje nós retomamos. É um espaço nosso, um espaço o qual a gente luta não só por nós, mais pela nova geração que vai vir, que são nossos filhos, nossos netos que futuramente precisam desse território pra sobreviver. Então, essa luta ela não é em vão, é uma luta que a gente sempre vai dar continuidade,

é uma luta que a gente sempre vai tá buscando pelos nossos direitos pra que não só a sociedade, mas que a nação brasileira venha reconhecer que os verdadeiros donos estão lutando pelo território que é seu e que seja... que seja válido dentro da constituição o direito à demarcação dos territórios indígena. Então esse território pra nós ele é sagrado! Esse território pra nós, ele é a nossa vida, esse território pra nós é um futuro pra nova geração que está vindo aí. **(ELuzia, liderança)**



Figuras 28 e 29: Galpões abandonado da Chesf (Alzení Tomáz, 2021).

Essa história... esse território significa muito pra nós, foi aqui onde viveu os nossos antepassados, onde vivia aqui... daqui eles foro afastado de acordo com a civilização que foi aumentando e tomando conta da posse das terras da gente, com a construção da barragem. Esse território aqui é tudo. É a história, é a vida e o começo de tudo. Vai começar tudo de novo. É nossa

luta... essa luta por esse território é pra justamente a gente fixar as nossas raízes novamente... da onde um dia a gente foi expulso daqui. **(Edmilson)**

A gente veio pra essa luta pra resgatar o que é nosso. As cachoeiras, que tão debaixo d'água, mais a gente sente ela. Nós viemos pra cá pra ter sobrevivência. **(Irani)**

O território pra gente é tudo. Daqui a gente tira o sustento, as verduras, água pra beber. É onde era nossas cachoeiras dos Encantados e aqui a gente recebe a força. Nós hoje só temos tomando conta de um território que um dia já foi de nossos antepassados. (Fabiana)

É no território que a gente tira o sustento, faz as plantações pra sobreviver. Temos a água de beber e lavar. E ainda temos aqui nossas cachoeiras que onde mora nossos Encantados. A natureza Deus deixou pra nós preservar e ter nossa sobrevivência. Esse lugar aqui sempre foi de Índio antigo, com civilização, foro expulsando os índios, hoje nós temos aqui pra recuperar uma coisa perdida. (José)



Figura 30: Pujá Pankararu Opará (Alzení Tomáz, 2020).

A Prefeitura deposita o seu lixão aqui nas margens desse rio, dentro de nosso território, eles não têm preocupação com o ambiente, com a natureza, isso aí contamina os lençóis freáticos e tudo que nós temos no Rio São Francisco. Fica bem abaixo da parede da barragem do São Francisco. (ELuzia, liderança)

O LEVANTE PANKARARU OPARÁ



Figura 31: Cesta básica enviada como ajuda no período da Pandemia (Alexandre Pankararu).

Deus sabe o que faz para chamar nossa atenção, a atenção da humanidade. A natureza chama atenção dos ser humano para lembrar que temos que ter respeito por todos. A religião por exemplo, é o que reforça na gente a união e a interligação uns com os outro, é uma maneira de nos ajudar a nos cuidar. E um jeito de fazermos isso é nos respeitando. Porque veja, nossos ancestrais de qualquer que

seja a nação, sempre estiveram unidos na espiritualidade. Deus criou tudo numa força onde tudo está conectado. Isso se traduz em nossa vida, com os movimentos sociais, a nossa vida é o respeito com nós mesmos. Porque as divindades sempre estiveram unidas em nossas vidas. Quando separamos essas criações sem respeitar uns aos outros a gente fica fora do sistema da criação. (Pajé Jaguriçá)

O território Pankararu sempre esteve desde o Rio Moxotó em Jatobá, até os Mandantes em Petrolândia, na beira do rio, passando por Tacaratu. A nossa parte espiritual sempre esteve ligado ao Rio São Francisco, Rio Opará como os nossos ancestrais chamavam, assim sempre foi passado pelos nossos mais velhos. Assim, como as Cachoeiras de Paulo Afonso e Itaparica nossos parentes iam fazer seus rituais nessas cachoeiras. Eram locais que tinham terreiros da ciência indígena, ali tinha os rituais onde os parentes conversavam com os Encantados para nos guiar e cuidar da saúde, era praticado os rituais de cura. Nas cachoeiras de Itaparica, tinha o cemitério onde os rituais fúnebres eram realizados por nosso Povo. Em 1935 o antropólogo Carlos Estevam, ele descobriu a gruta, que ficou conhecida como “Gruta-do-Padre”, era um ossuário de nossos ancestrais. Antes da construção das hidrelétricas ainda viviam índios nesse local, mas tudo foi inundado. Na época em que o Pajé era Joaquim Sarafim, Estevão o procurou para saber quem eram os índios que viviam ali, ele repassou para Estevão que ali era o local de rituais fúnebre praticado pelos Pankararu, que depois chegou a ser expulsos por causa das barragens. Bom, mas, isso levou meu Povo a retomarem essas terras. Uma terra Sagrada, demora tempo, mas, os indígenas vão sempre achar. Por isso, não tinha sentido quando minhas irmãs se encontraram nesse local, sair de novo por causa das perseguições, bom, mais, eu voltei lá para ajudá-las. Aí fui nomeado pelo meu Povo para ser o Pajé da Aldeia, por isso nos denominamos Povo Pankararu Opará, porque somos Pankararu de volta ao Rio Opará. Já faz cinco anos que estamos nesse território procurando formas de conseguir fazer a demarcação do território. Nós em Pankararu somos mais de 9 mil índios, muitos ainda não tem a terra, mesmo com ela demarcada e homologada e até desintrusada. Sobre isso os Pankararu passaram mais de 30 anos buscando jeito de retirar os não indígenas, só agora conseguimos isso, mas, muitos não tem a terra para viver. O que nos obriga a retomar as terras de nossos ancestrais onde elas estiverem. Os nossos mais velhos foram enganados pela FUNAI que dizia que ia demarcar aos pouquinhos, mas, isso nunca ocorreu. Se não fizermos luta não temos território demarcado. Veja que a FUNIA a não demarcar a terra, cidades inteiras foram construídas em nosso território, como é caso de Jatobá, Petrolândia. Hoje ainda tem muitos indígenas sem-terra e sem casa, como eu. Que só tenho a luta garantida. (Pajé Jaguriçá)



Figura 32, 33 e 34: Etnodesenhos da Cartografia Pankararu Opará (Desenhos dos participantes da Oficina).

Hoje em Pankararu Opará somos três lideranças eu sou o Pajé, minha irmã Valdéluzia é a Cacica e minha outra irmã a Eluzia é liderança. Estamos numa luta para retirar os não indígenas que estão aí atrapalhando, ameaçando e impedindo que isso aconteça. Nesse território fizemos nosso terreiro sagrado, um lugar de força espiritual, é uma forma de cultuarmos nossos ancestrais, mais também uma forma de preservar as matas, veja que tinha um pé de quixabeira que tanto servia de morada dos Encantados, como de abrigo para nós e de medicina, os não indígenas foram lá e desmatam, queimaram, eles já desmataram boa parte das beira rios pra fazer piscicultura, são muitos empresários. E não

tem fiscalização nem da FUNAI, nem de IBAMA, nem de Marinha, todos omissos. Se nós não retomar esses lugares vão acabar com o pouco que resta. As nossas matas são lugares de ritual, de força que nos alimenta, mas, ainda não temos sossego. Nosso território é nosso lar, nossos Encantados é o que nos dão força, nossos entes, mesmo desencarnado são nossas proteções. Não podemos perder nossa memória. Rogo que os não indígenas também consigam aparo pelo governo e sejam assentados em locais que possam sobreviver, mas, aqui é nosso lugar, lugar de índio, lugar de nossos ancestrais, viemos aqui para preservar e vamos continuar resistindo. (Pajé Jaguriçá)

AJUDANDO A LEVANTAR ALDEIAS

Foi quando eu soube que tinha meus parentes, primos, que estavam há anos em Paulo Afonso, e reuniram-se para retomar um território que já foi de nossos antepassados, uma área que estava no domínio do antigo DNER, era um lugar difícil, tinha muitos perigos de violência, suicídios. Então eu fui ajudar, muita gente ajudou lá, tinha até pessoas de terreiros de candomblé que faziam parte de instituições que ajudaram a gente lá. Paralelo a isso, minhas irmãs tinham entrado numa luta de retomada as margens do Rio São Francisco, elas também não tinham terra e juntaram-se com outras pessoas sem terra e retomaram um aparte ancestral de Pankararu que nunca tinha sido levado em consideração. Essas terras de beira rio são terras de nossos ancestrais, os sem-terra, perceberam que havia índios entre eles e teve muitos conflitos, daí o meu Povo resolveu fazer luta para demarcar essas terras como território indígena, fazia parte de nossa ancestralidade. (Pajé Jaguriçá)



Figura 35: Pajé Jaguriçá na luta pela demarcação do território e contra o Marco Temporal em Brasília (Arquivo).

O TERREIRO SAGRADO DA CIÊNCIA



Figuras 36 e 37: Na organização do Terreiro da Ciência - Pajé Jaguriça (Alexandre Pankararu, 2020).

Esse terreiro tem um grande significado, é de uma grande força, porque é onde a gente pede força aos Encantados, primeiramente a Deus e depois a eles, para nos fortalecer, buscando preservar a nossa cultura, nossos cantos e danças e fazendo nossas orações. Nesses cinco anos, estamos em 25 famílias que convive aqui, nosso objetivo é conquistar esse território que é de nossos ancestrais. Nossos antepassados sofreram muito, perderam o sangue para que hoje a gente esteja aqui para proteger esse lugar, firmar nossa força e garantir que nossos povos tenha as condições de viver. Porque nossa força é o Opará, o Rio de nossos antepassados. Nós somos de Pankararu que é nosso tronco e do rio que é nossa raiz Opará, porque isso somos Pankararu Opará. É construção de nossa própria identidade, quando retoma-

mos essa identidade vem junto. Nós como Povo Pankararu Opará é manter nossa sobrevivência tirando do rio o peixe e da terra a produção que a gente precisa, e a medicina tradicional, como o croá, xique-xique, quixabeira, que é onde a gente tira nossa medicina, mandacaru, entre muitas outras plantas. Estamos felizes porque estamos num processo de luta que começou com nossos ancestrais para nós já é uma vitória. (Eluzia, liderança)

O Opará é o rio, era assim que os antepassados chamavam esse rio, ele é para nós a vida, porque sem água a gente não sobrevive, dependemos dela, é uma força, dentro da ciência é as forças das águas que nos guia e nos purifica a vida. É um contato com nossos mestres Encantados. A nossa vinda se deu assim, nós vivíamos

na Carrapateira, mas, nós não tínhamos terra, viemos pra cá e com outras famílias indígenas nós tivemos que se identificar como índio, aí demos conta de aqui era um território de nossos ancestrais. Havia muita perseguição com os sem-terra, porque como nós éramos indígenas tínhamos

que nos identificar como tal. Essa retomada precisava para garantir a sobrevivência. Esse território tem uma importância muito grande, nossos Encantos sempre viveram nessas margens, as forças das águas fazem parte dessa ligação em nossos rituais sagrados. **(Eluzia, liderança)**



Figura 38: Anciã do Grupo Indígena Pankararu Opará, Lindaura Tenório (Alzení Tomáz, 2020).

Opará é o encontro da água doce com a água salgada, voltamos para as margens do rio onde nossos antepassados sempre viveram, estamos fazendo essa luta por causa de nossos antepassados. A gente estava em Pankararu sem-terra suficiente para viver, quando viemos para cá foi no intuito de fazer luta por reforma agrária nós pensávamos assim, porque quem não tem terra é sem-terra. Mas, quando viemos para cá percebemos que aqui era território de nossos antepassados e, território indígena a luta não pode ser através da reforma agrária, tem que ser através do reconhecimento e da demarcação como território indígena. Quando nós indígenas percebemos isso, e nos afirmamos

nessa luta, aí vieram os problemas. As pessoas não gostam de luta de indígena. Aí os posseiros começam a encrencar, a ameaçar de todas as formas, agredindo com injúria, desmatamento, queimadas, todas as formas de intimidação vão aparecendo. Foi preciso os parceiros da luta ajudar a gente, acionando o Ministério Público Federal, o Programa de proteção dos Direitos Humanos do Estado de Pernambuco, hoje somos três lideranças que está sob proteção. Vivemos num estado de insegurança o tempo todo por causa dessa luta. (Cacica Valdenuzia)



Figuras 39 e 40: Rio Opará (Alzení Tomáz, 2020).

Eu sou Lindaura Tenório, liderança tribal. Eu sou a mãe dessa comunidade que está aqui retomando esse território. A nossa vida sempre foi sofrida, porque ficamos deserdados de nosso território sagrado a muito tempo. Tiraram esse direito nosso e, até hoje, estamos tendo que fazer luta para conseguir um lugar de moradia. A beira do Opará é esse lugar que meus filhos têm direito, é o território sagrado que meus filhos são herdeiros, é a beira do Opará que com a força divina, que atua na nossa ancestralidade a segurança que meu Povo tem para viver. Nós sempre vivemos para ajudar aos outros, na esperança que um dia Deus nos permitisse a honra de resgatar de volta nós pra o lugar Sagrada de onde nós nunca deveríamos ter saído. O rio é nossa alma e nosso espírito. Sem isso, Pankararu fica pela metade, porque se distanciou das beiradas do Opará.
(Lindaura Tenório, Anciã da Aldeia Pankararu Opará)

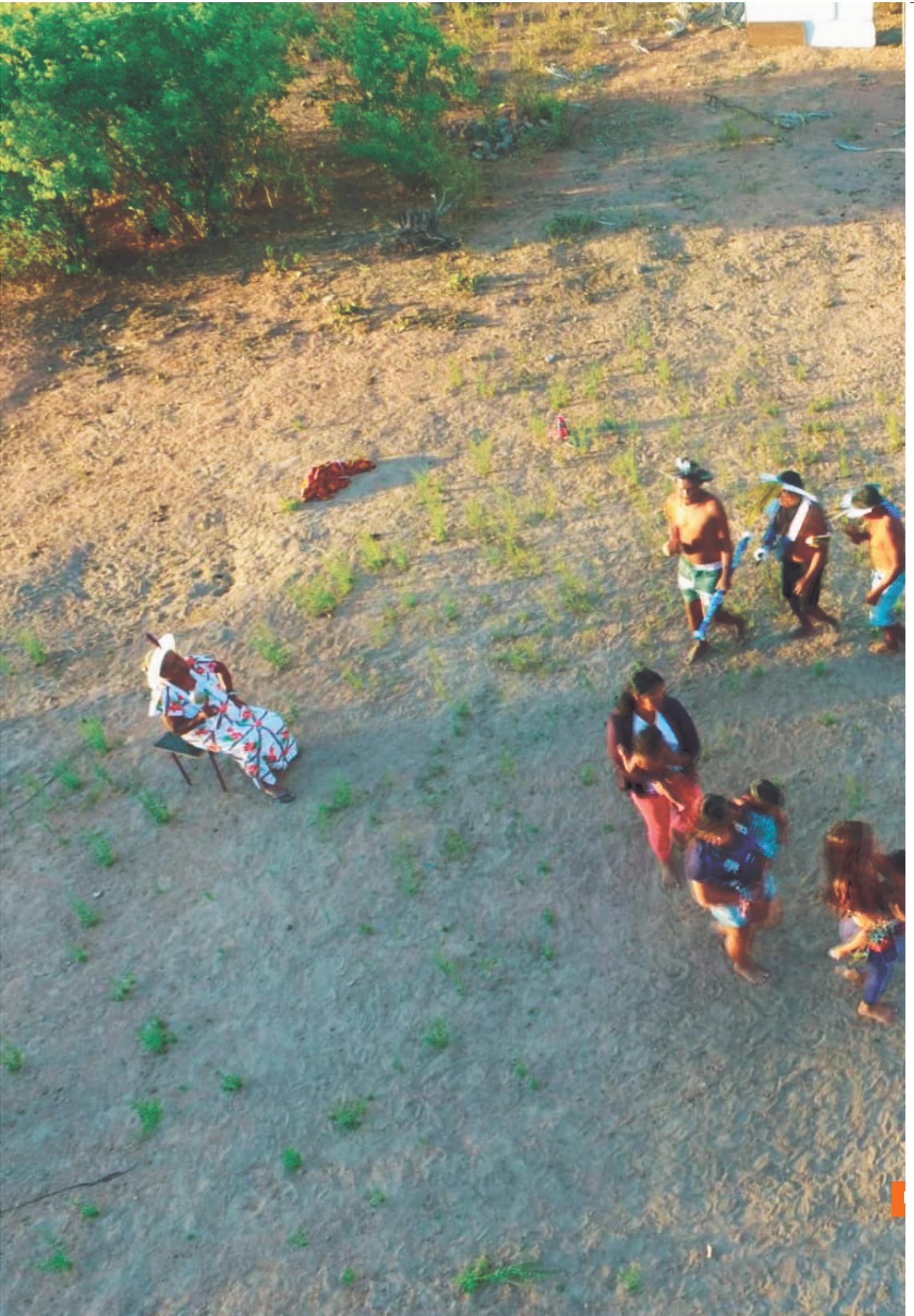




Figura 41: Toré no Território do terreiro Sagrado da Ciência Pankararu Opará (Sidney Batalha, 2022).





Figura 42: Manto Tradicional do Povo Pankararu, utilizado pelos Pajés de gerações passadas. (Alzení Tomáz, 2022).



Figura 43: Grupo Pankararu Opará e parte da Equipe de Cartografia (Alzení Tomáz, 2019).

CONTATOS

POVO PANKARARU OPARÁ

associacao.pankararuopara@gmail.com

NÚCLEO DE PESQUISA DA NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO BRASIL NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO

alzenitomaz@gmail.com | juracymarquespshy@gmail.com

SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

editora.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

juridico.cimine@gmail.com

Realização

POVO PANKARARU OPARÁ – JATOBÁ/PE

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL | Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

- 1 POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA – BAHIA**
- 2 POVO TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BAHIA**
- 3 POVO KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO – BAHIA**
- 4 POVO PANKARARU OPARÁ DE JATOBÁ - PERNAMBUCO**

REALIZAÇÃO

POVO PANKARARU OPARÁ DE JATOBÁ - PERNAMBUCO

APOIO

